



Foto: Rafael Capuani

O monge e a cidade

Entrevista com Dom Eduardo Uchôa Fagundes mostra a rotina do Mosteiro de São Bento e sinaliza que algumas tradições, como a clausura, são bem diferentes nos dias de hoje, provando que os monges atuam - e muito - na sociedade

Completada a vida escolar no Colégio Dante Alighieri (turma de 1979), Carlos Eduardo Uchôa Fagundes Júnior daria início a suas múltiplas personalidades acadêmicas - primeiro ingressou na Faculdade Politécnica da Universidade de São Paulo, mas achou que não estava no lugar certo. Depois de quase três anos, abandonou a engenharia e entrou em economia, também na USP. E, como na época era possível matricular-se em dois cursos dessa mesma universidade, decidiu estudar História. Formou-se nessas duas áreas, completou seu doutorado em História Social e escreveu o livro “O beijo da História: Picasso como emblema da contemporaneidade” (Editora 34). Sim, porque, além de tudo isso, sempre sobrou tempo para os pincéis. É artista, já teve suas obras expostas em vários museus brasileiros e na Europa, trabalhou em bienais e chegou a ser crítico de arte da *Folha de S. Paulo*.

Mas ainda não era o bastante. Faltava “algo mais”. Coincidência ou não, quando completou 33 anos de vida - para os mais desatentos, a mesma idade com que Cristo foi crucificado e ressuscitou -, decidiu ser monge. E enfrentou todas as dificuldades implícitas nessa decisão, e não foram poucas. A começar pelo fato de que ele teve de abandonar tudo o que havia conquistado e produzido até ali (pelo menos era o que ele pensava), e também pela recriminação de colegas e familiares. Hoje ele brinca com o preconceito sofrido na época, e repete as palavras de uma amiga próxima, que lhe disse ao saber da sua decisão: “Você está cometendo um suicídio social”.

O dia começa às cinco da manhã. Oração, meditação e contemplação se intercalam com outras atividades nas quais os monges estão envolvidos. Após as sete horas da noite, impera o silêncio monástico. A essa agenda, acrescente disciplina e organização - em alta escala. O Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo é um dos mais antigos do país, tendo sido fundado em julho de 1598 pelo frei Mauro Teixeira, discípulo direto do padre José de Anchieta. Nesse ambiente, que tem um legado de mais de 400 anos,

Carlos Eduardo, hoje “Dom”, aprendeu as máximas que guiam a tradição beneditina - a Regra de São Bento -, como a importância da reflexão, a valorização da simplicidade e o espírito de abnegação. Como lema, *ora et labora*, que em latim significa “ora e trabalha”. E, graças aos trabalhos manuais, os monges ficaram conhecidos por outra virtude: a gastronômica. Há quem visite a loja do mosteiro apenas em busca de seus produtos caseiros, como pães, bolos e geléias.

Mas na área do ensino é que está a grande atuação desses beneditinos. O Colégio de São Bento já conta com 103 anos, e a Faculdade teve o primeiro curso de filosofia da América Latina. Além de reitor da instituição, Dom Eduardo é Subprior do mosteiro. O monge também organiza os eventos culturais recebidos no Teatro São Bento, fundado em 1903, e que reabriu há dois anos após grandes reformas.

A reportagem da **DANTE**cultural foi recebida na sala de Dom Eduardo, um ambiente simples, com poucos móveis e duas paisagens, fotografadas por ele, penduradas na parede. Às costas do entrevistado, duas grandes janelas deixavam entrar a luz do dia, enquanto ele falava com placidez e tranqüilidade, sem atropelos, como um monge, é claro. Interessante é que, do lado de fora dessas janelas, está o centro de uma das maiores metrópoles do planeta.

Os cantos gregorianos da missa do mosteiro, aos domingos, já emocionaram muitas pessoas, mesmo aquelas que, não sendo católicas, foram por curiosidade conhecer o coral dos monges. De forma uníssona, as vozes ecoam em um ambiente de elevação, tocando os fiéis em seu íntimo, fiéis que se amontoam em todos os cantos da igreja para assistir à liturgia.

Dom Eduardo, historiador, economista, artista e reitor - que, por outra coincidência do destino, ou pelo simples capricho de uma “força superior”, faz aniversário no dia 24 de dezembro - está lá para quem quiser ver, com suas vestes escuras, em meio aos seus irmãos beneditinos.

Quando pensamos na vida de um monge, logo vem a idéia da clausura. O senhor, no entanto, é artista, viaja, é reitor da Faculdade de São Bento...

A clausura sem dúvida é algo importante, mas tem que ser entendida no seu sentido mais profundo. É uma clausura, antes de tudo, interior, ou seja, o despojamento, o silenciamento do coração para que a gente ouça a voz de Deus, que se manifesta através dos irmãos, de outras pessoas, do mundo. Trata-se de um silenciamento das próprias paixões, de tudo aquilo que nos fecha e nos prende. Sim, a clausura tem uma dimensão física, que é um espaço reservado à comunidade dos monges, um ambiente que é a nossa casa, como a casa de qualquer um. Mas um pouco mais reservada, claro. E existe uma dimensão espiritual, que é esse silenciamento do coração para que se possa ouvir. Os monges sempre se dedicaram a esse mistério, o de ouvir as pessoas. Nossa vida aqui é basicamente organizada a partir daquele dístico da vida beneditina: *ora et labora*, que quer dizer “ora e trabalha”. Nossa rotina é estruturada a partir dos momentos de oração coletiva. São os Ofícios, que começam de manhãzinha, primeiro o de Laudes, depois a Meridiana, as missas..., de tarde vem o Ofício de Vésperas, e por último o de Vigílias e Completas. Esses são horários que já vêm de muito tempo atrás, da tradição antiga, até do tempo de Jerusalém, antes do cristianismo. E os monges fazem um voto diferente de outros religiosos, que é o “voto de estabilidade”. Significa que vai viver sempre no mesmo mosteiro.

Todos os monges participam de todas essas atividades?

Sim. Há também os momentos de oração individual, de contemplação, e temos os trabalhos monásticos, que podem ser de natureza as mais diversas. No nosso caso, a Ordem Beneditina é a mais antiga da Igreja. Não temos um carisma específico como as ordens mais recentes, que se dedicaram à educação ou aos doentes. Mas como a origem vem de longe, São Bento já prescrevia que os monges lessem muito, não só a leitura espiritual, mas também a leitura vista de uma maneira mais aberta. Na Alta Idade Média, quando praticamente desapareceu a cultura letrada, os mosteiros foram o lugar por excelência onde essa cultura sobreviveu. Daí os manuscritos, o estudo, a troca de informações. Funcionavam praticamente como escolas. Na época de Carlos Magno, tornaram-se uma espécie de rede de ensino. Assim, até hoje muitos mosteiros mantêm uma atividade educacional. Existe uma vida de recolhimento, claro, mas também uma vida de comunhão com as pessoas.

Como é a hierarquia da Ordem Beneditina?

Não temos uma hierarquia piramidal como as outras ordens. Não existe propriamente uma hierarquia rígida. Cada mosteiro é independente um do outro. Internamente, cada comunidade elege seu Abade - pai espiritual, com cargo vitalício, mas que em casos muito excepcionais, como de

saúde, pode ser substituído. Para fins práticos temos o Prior e o Subprior, que ajudam o Abade a organizar a comunidade. Fora isso, há os oficiais da casa, que exercem diversas funções. Eu, por exemplo, sou responsável pela parte educacional e cultural - a Faculdade e o Colégio São Bento. Externamente, os mosteiros mais antigos, como o nosso, o da Bahia, o de Olinda, são associados na Congregação Beneditina do Brasil, para a qual se elege um representante, o Abade Presidente. Ele não é propriamente um superior, ele tem algumas funções representativas. E, finalmente, todas as associações se congregam em uma grande confederação e elege o Abade Primaz, que mora em Roma.

Então há uma certa independência perante a Igreja?

Cada mosteiro tem que respeitar o ordinário, o bispo do lugar. Temos um relacionamento, mas não é o mesmo tipo de relação que tem o clero secular. Alguns mosteiros, por exemplo, têm paróquias, mas não é próprio da tradição monástica. Aqui não temos. Realizamos batizados, casamentos, mas tudo é registrado na paróquia de Santa Efigênia. Esse trabalho pastoral não está ligado diretamente ao trabalho da diocese. O mosteiro é algo à parte, embora, claro, respeitando todas as diretrizes da Igreja. É um trabalho coordenado, mas independente, com suas características próprias.

E na estrutura interna do mosteiro não há o fator “idade”?

Pois é, o nosso Abade, que acabou de ser eleito, é jovem - tem 41 anos. Agora estamos vivendo uma comunidade nova. O nosso mosteiro sofreu um pouco entre os anos 70, 80 e até início dos 90. Nessa época, adquiriu algumas características específicas por causa de uma situação histórica. Houve uma dificuldade de vocações, e a comunidade envelheceu muito. Aí veio uma nova geração, que começou a entrar nos anos 90, como eu mesmo, e o próprio abade. E temos outra ainda mais jovem, que está em formação.

E hoje? Existe essa ameaça para o mosteiro, no sentido de existir cada vez menos gente querendo ser monge?

Não, ao contrário. O que aconteceu foi uma reversão das expectativas. Hoje em dia, temos muita gente interessada em viver a vida monástica, e não apenas aqui. É claro que em alguns países, por exemplo, na Europa, é mais difícil... Mas lá, como a população inclusive diminui em alguns países, é óbvio que isso repercute nas vocações. Mas, de uma maneira geral, tem surgido muita gente interessada, jovens e até pessoas mais velhas.

Uma curiosidade: é verdade que o mosteiro acolhe pessoas que queiram meditar em épocas como o Natal ou a Páscoa?

Sim, é possível acolher essas pessoas. Não dá para um grande número, pois não teríamos acomodações. Mas isso é possível, sim, para quem queira fazer um retiro, uma meditação.

Passando para sua vida pessoal, o que veio antes: a arte ou a religião?

A arte. A religião, bem, sempre tive uma vida espiritual, engajada na Igreja, mas como leigo. Fiz arte de várias comunidades, desde a época de aluno do Dante, com o padre Dutra. Estudei engenharia na USP, mas não gostei. Aí me formei em economia e em história, e parti para o doutorado. Em 1991, com 29 anos, terminei todos os estudos acadêmicos. Mas nesse meio tempo, sempre gostei de pintar, de desenhar... minha família, de certa forma, estava um pouco ligada ao tema. Comecei a estudar com Carlos Fajardo, um grande artista. Tínhamos um ateliê e montamos um grupo de jovens artistas. Fizemos várias exposições. Começava ali uma carreira profissional, ao mesmo tempo que eu fazia o doutorado envolvendo a obra de Pablo Picasso. Quando fui fazer o esse doutorado, que era em história, propus envolver a arte. Isso era uma novidade, porque o departamento de História da Arte havia passado para a ECA (Escola de Comunicação e Artes da USP). Meu professor na época tentava ressuscitar esse tema, e fiz minha tese enfocando o artista espanhol. Fiz uma reflexão da passagem da modernidade para contemporaneidade, valorizando a última fase do pintor. Depois cheguei a ser crítico da Folha de S. Paulo, mas não que eu quisesse seguir essa carreira...

E no meio de tudo isso, como veio a grande decisão de ser monge?

1995 foi um ano de mudança, de muito aprofundamento espiritual. Comecei a sentir necessidade de algo mais. Foi quando realmente decidi entrar no mosteiro, e essa entrada foi muito rápida, questão de meses. Eu já conhecia um pouco da vida beneditina. Frequentava as missas, que representavam muito para mim, mas eu não tinha contato com a comunidade do mosteiro. Eu já havia lido sobre os monges do Egito, já era minha leitura de cabeceira há muitos anos. Resolvi entrar, e pensei: 'Quando alguém se coloca em disponibilidade para uma vocação religiosa como essa, tem que abandonar tudo'. Mas depois, no mosteiro, fui vendo como todos aqueles fragmentos da minha vida que estavam soltos, como as pessoas, meus estudos, minha arte e tantas outras experiências, de repente foram montando um quebra-cabeça. Coisas que eu achava que ia abandonar e, agora, eu estava reaproveitando, de uma forma ou de outra. Como meu trabalho de arte, por exemplo, que tinha tudo a ver com a tradição beneditina. Mas claro, comecei do zero, foi muito difícil, como uma criancinha que está nascendo de novo.

Como as pessoas mais próximas reagiram à sua decisão?

Família e amigos foram totalmente contra. Ninguém entendeu. Os colegas brigaram comigo, uma amiga, Angelina de Moraes, me disse: "Isso é um suicídio social". Mas mantenho até hoje a amizade com essas pessoas. No início foi difícil para mim, fiquei completamente isolado. Não só deles, mas de tudo, na verdade.

Foi difícil a transição para a vida monástica?

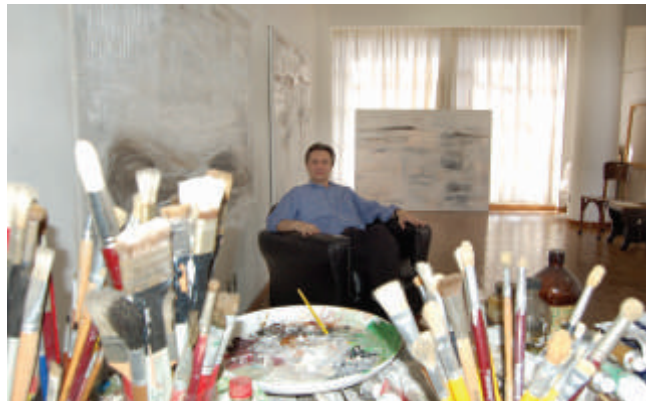
A gente começa uma vida nova aqui dentro. Tem toda uma estruturação, até dos próprios horários, a hora em que você vai dormir, a hora em que acorda, 5 da manhã, a comida, tudo é diferente. Deve-se reaprender tudo. A vida monástica tem uma dimensão sapiencial e discipular. Por mais que você conheça e entenda as coisas racionalmente, o essencial só se capta pela vivência e pela imitação discipular de uma disciplina, de um modo de vida e de uma sabedoria que veio dos monges antigos. Mas essas tradições são sempre reiventadas, afinal, estamos no século XXI. Certas linhas, contudo, são básicas. Tem muitos pontos que você entende, mas dá o voto de confiança e vai vivenciando aquilo até que começa a ter a dimensão espiritual do que realmente representa. É uma transformação interna e lenta. Houve muito sofrimento por um lado. Por outro, uma recompensa espiritual muito grande. É um passo no escuro, uma decisão de fé que a gente dá. Mas, no fim, me sinto completamente recompensado.

O senhor disse que no início a transição foi muito difícil. Em algum momento chegou a pensar: "Ah, se eu tivesse sido artista plástico, se eu tivesse seguido pela história...?"

Claro, a gente pensa. Mas, por outro lado, é como eu disse: sinto-me pleno, como se tivesse florescido, desabrochado humanamente. Não me sinto diminuído, não me sinto limitado. No começo foi complicado pela falta de costume, mas quando se percebe a dimensão das coisas, a dimensão espiritual, tudo passa a ser mais fácil. Acho que o segredo, não só para mim, na vida monástica, mas para todo mundo, é perceber um sentido maior naquilo que se está fazendo.

Como é ser um monge beneditino no centro de uma das cidades mais importantes e movimentadas do mundo?

É um desafio do cotidiano. Desafio de viver esses valores, de viver a busca de Deus, que é o objetivo da vida monástica. É o desafio diante de uma sociedade, de uma cidade, de um mundo em que se vivem em grande parte, contra-valores: a vida é descartável, as pessoas são descartáveis, tudo é descartado. É um consumismo, é uma banalização da própria



Dom Eduardo em seu ateliê, ao lado do mosteiro

vida humana. A gente vive nesse confronto e, de certa forma, o mosteiro acaba sendo no meio disso tudo uma espécie de questionamento: 'Como é possível a essas pessoas [os monges] viver essa vida? Alguma coisa deve haver...'

Por que o senhor acha que a missa de domingo é tão cheia?

Nessa missa as pessoas realmente sentem e vivem a experiência do mistério de Deus através da liturgia. Muita coisa foi banalizada nessa vivência da presença divina. A própria música, a atitude dos sacerdotes... são coisas externas, mas têm o objetivo final que é o espiritual. Esses costumes estão no centro da tradição monástica, de valorizar a liturgia, valorizar essa presença divina, a assembléia, que participa e vive junto esse momento. Isso é que atrai as pessoas, essa experiência. Temos alguns elementos, como o canto gregoriano, o clima da cerimônia, uma atitude de respeito... No geral, vemos que houve certa banalização da própria solenidade. É como se o barulho do mundo tivesse sido levado para dentro das nossas missas. Muita gente diz que a missa de São Bento é coisa de turista, que é apenas curiosidade. Mas não é, porque vê-se que as pessoas continuam vindo. É até um sacrifício, porque a missa enche tanto que os fiéis ficam de pé, em todos os lugares.

As pessoas acabam lotando a igreja e muita gente se acomoda em lugares inapropriados, como nos degraus dos confessionários. Isso incomoda?

Não. De maneira geral, há um respeito muito grande. O que acontece é uma situação física um pouco desconfortável. A pessoa entra e a igreja está totalmente lotada, tem que dar um jeito, se encostar em algum lugar, às vezes não conseguimos nem passar direito pelo corredor, temos que nos espremer. São pequenos transtornos, mas o que é importante é que elas estão lá e querem participar.

Muitas pessoas se emocionam com os cantos gregorianos da missa aos domingos. O que o senhor sente quando está cantando?

Bom, o canto gregoriano é uma oração cantada. Então, ele tem uma profunda dimensão espiritual. É interessante porque a gente descobre que a própria música nos leva, também, a uma atitude interior. Tem que se ter uma certa postura física, uma respiração, toda uma concentração... Isso tudo são elementos que contribuem para a experiência espiritual. Então, são várias dimensões que estão em jogo. Eu me sinto plenificado com o canto. É um ponto realmente importante dentro dessa dinâmica da vida.

Como o senhor disse, a tradição beneditina vem desde a Idade Antiga. Naturalmente essa tradição deve ter sofrido adaptações para acompanhar as mudanças da sociedade ao longo de tantos séculos...

Temos uma tradição de sabedoria que permanece viva, atuante e válida, e que é o cerne da vida monástica. Mas

existem elementos transitórios que a cada momento têm que ser reinventados. Não adianta ficar paralisado no tempo e no espaço. A gente vive no século XXI em uma das maiores cidades do mundo, com todos os problemas... mas estamos aqui, vivendo essa tradição e conscientes de que essa tradição tem algo a dizer. Mas essa tradição não significa um pacote fechado, cristalizado. Ela precisa ser viva e estar de acordo com cada época.

Nos tempos de violência e inversão de valores em que vivemos, qual ensinamento beneditino o senhor citaria para buscar uma solução?

Ocorrem-me duas coisas: uma delas é bem característica da vida monástica, que é o saber viver em comunidade. Temos que ser abertos ao outro e perceber que não podemos crescer sozinhos. Um ponto importante para a sociedade de hoje é que possamos conviver. Atualmente a comunicação está muito facilitada pela internet, as pessoas se encontram, respeitam mais as outras culturas, enfim... por outro lado, caímos na banalização da presença, porque tudo se torna virtual. A sabedoria monástica prega uma vida não utilitária, mas uma vida de abertura. E a outra coisa que eu citaria é o silêncio. Não necessariamente o silêncio físico, o silenciamento interior para que a gente não se deixe poluir por esse volume de inquietações, de necessidades que são criadas, como a de consumo, de produtividade... tudo que vai nos amarrando e nos desumanizando. Chega um ponto em que temos que saber silenciar, dar um basta a tanta solicitação, a tantos fatores que nos distraem completamente daquilo que é essencial na vida humana.

O senhor diz que existe o objetivo de colocar o mosteiro no cenário intelectual e cultural de São Paulo. Como fazê-lo?

O mosteiro tem tido uma presença enfática desde 1598, quando foi fundado. Há um compromisso de abertura com a cidadania, com a cultura e a espiritualidade. A "evangelização da cultura", como dizemos, não se faz apenas para as pessoas que crêem explicitamente ou que professam o cristianismo. Na área educacional (Colégio, Faculdade e Núcleos de Pesquisa) oferecemos ensino de qualidade e formação integral da pessoa, não só no sentido acadêmico, mas também com relação aos seus sentimentos, liberdade, criatividade... Para isso, não adianta estabelecer um clima competitivo de desarmonia, mas sim um ambiente de troca, de crescimento coletivo. Temos realizado também atividades culturais, como os concertos internacionais no Teatro São Bento. E estamos restaurando um imóvel antigo, de 1878, onde queremos montar um Instituto Cultural. Esses fatos estão ligados até à deterioração do centro de São Paulo. É uma forma de revalorizar essa região, e trazer de volta o público que dela fugiu. Mas isso tudo seria penas a "cerejinha do doce". Estamos tentando colocar em prática toda uma gama de atividades. Eu acredito que a arte tem uma capacidade muito grande de transformar as pessoas e o

mundo. A música, as artes plásticas, o teatro, a dança, enfim. A música é a área em que avançamos pouco mais, mas queremos trazer as outras modalidades também. Queremos atingir desde um público mais especializado, possibilitando um ganho profissional para essas pessoas, até grupos mais populares, como crianças de periferia. São pequenas experiências, mas que transformam.

Existe agora uma série de livros, vamos dizer assim, de auto-ajuda administrativa, como *O monge e o executivo*. Um deles trata especificamente do uso das regras de São Bento na administração. O que o senhor acha disso?

Conheço mas ainda não tive a oportunidade de ler apuradamente, só dei uma olhada. Mas eu acho que é algo positivo, sem dúvida. Capta-se um modo de liderança, mas que está implicado na vida monástica, na Regra de São Bento, enfim, é um tipo de convivência que se aproxima do que estávamos falando. Essa convivência, esse crescer juntos, e até o tipo de liderança que se fala - uma liderança não impositiva, mas uma liderança que é conquistada através do respeito e que, sobretudo, não se preocupa apenas em extrair alguma coisa, alguma produção - mostram uma dimensão criativa de fazer com que cada um tenha um ambiente em que possa florescer como ser humano, florescer nos seus dons, e isso ser usado em benefício da coletividade. Cada um encontra um espaço em que possa realmente dar o melhor de si e frutificar, e não ser esmagado por uma estrutura que só quer sugar, que só quer arrancar um resultado a qualquer preço.

Como o senhor, um monge beneditino, vê a questão do fanatismo religioso no Oriente Médio?

Nós, os monges beneditinos, nunca fomos radicais. Ao longo de toda a história, a história da Igreja, vemos que os beneditinos foram justamente os que nunca foram adeptos a extremismos. Então, essa própria tolerância, essa própria vida em comum, essa contínua conversão e entendimento da nossa própria limitação nos leva a uma atitude de tolerância e de paz. Aliás, o lema beneditino é *pax*. Então, é com muita tristeza que assistimos essas exacerbações. Mas, também, temos que considerar que as questões do Oriente Médio têm raízes históricas profundas, e que não são simplesmente uma fatalidade histórica. Ocorreram ali situações de conflito acirrado não só pelas diferenças culturais, mas pela ação de grandes potências que se utilizaram, sobretudo daquela região, de uma maneira predatória. Então, não nos esqueçamos, a França, a Inglaterra, elas repartiram o Oriente Médio todo, cada uma pegou um pedaço, jogaram as tribos umas contra as outras e retalharam os povos. Então, tudo isso que nós vivemos não é simplesmente uma questão de choque religioso, de choque cultural, mas também é fruto histórico



de coisas muito perversas que foram plantadas no passado, e que continuam sendo atuantes.

E a passagem pelo Dante? Qual foi a influência na sua vida?

Eu sou muito fã do Dante, adorei passar por lá... Aliás, eu fui a terceira geração do colégio, porque a minha mãe e o meu tio-avô também foram alunos. Foi decisivo para minha vida - toda a organização, os valores... Eu lembro do professor Morivaldo Kranbeck, que dizia: "O Dante é um educandário!", que dizer, o Dante não estava preocupado só com a matéria, mas em dar uma formação integral. E a gente tinha mestres maravilhosos, que nos deram, além de informações técnicas, essa convivência humana. O professor Carlo Monducci, por exemplo, que era o nosso diretor, era uma pessoa extraordinária. Enfim, a escola está muito ligada às minhas referências, à minha família, à educação que eu tinha em casa, ao meu lado italiano... Foi um mundo que é o meu mundo, e que me influenciou decisivamente naquilo que eu sou.

Qual mensagem de Natal o senhor deixaria para os leitores da DANTEcultural?

O Natal é o nascimento, a encarnação do Verbo. Deus infinito, que se faz homem e vive entre nós, como uma criancinha despojada, uma criancinha que se entrega. Então, essa é a mensagem maior de amor que nós podemos ter. E, para nós, fica isso - a contemplação do mistério da encarnação de Deus, que nos ama tanto e que quer viver entre nós, e que nos faz mais humanos. Então, é um momento de nos colocarmos diante da nossa grandeza como seres amados por Deus.

Só assim a gente pode reconquistar a nossa dignidade como humanos, como sociedade e ter, de fato, a força para transformar o mundo. Só assim, nos sentindo profundamente envolvidos por esse amor, que vem justamente através do Menino Jesus. ☪